

Depois do filme o bairro ficou famoso,  
mas tirou o sossego dos moradores.

## Palma atrai turistas à procura de D. Flor

JOANA D'ARC

Depois de sediar as filmagens de "Dona Flor e seus Dois Maridos", o histórico bairro da Palma ficou ainda mais conhecido e atrai turistas de todo o mundo. Ainda hoje, milhares deles procuraram os moradores para conversar sobre a história de D. Flor. A fama do lugar promoveu o surgimento de barzinhos aconchegantes, mas também a perda da tranquilidade, pois assaltantes rodam o local despertados pelo fluxo turístico.

As histórias da Palma são contadas por seus moradores mais antigos com orgulho e prazer. O bairro tem uma história curiosa que gerou seu próprio nome e tem muitos mistérios. Conta-se (e está escrito na igreja do largo) que um oficial português ao chegar na Bahia, bastante enfermo, recorreu às preces de Nossa Senhora da Palma. Curado das feridas nos dois pulmões, decidiu construir a igreja em 1625. E o bairro ficou conhecido pelo nome

Embora seja um dos mais privilegiados bairros históricos de Salvador, a Palma perdeu um pouco de sua tranquilidade. Os moradores queixam-se que os últimos anos têm surgido muitos marginais. "Hoje o bairro está cheio de pivetes e maconheiros", reclama o funcionário da Faculdade de Letras da Católica, Alvaro Portela. Os estudantes também reclamam de alguns assaltos ocorridos, como Kátia Cunha, que cursa o 8º semestre de Letras com Inglês: "A Palma era bem tranquilo até 82. Agora a gente vive com medo de ser a próxima vítima dos marginais".

Pequeno, com cerca de seis ruas e mais o largo, o bairro da Palma fica atrás do Quartel da Mouraria e dá acesso à Praça da Sé e ao início da Baixa dos Sapateiros. É um dos acervos históricos mais conservados de Salvador, sendo a maioria das casas de construção do século passado e precisando somente de restauração e pintura nas fachadas. No

culdade de Letras, a Escola Soror Joana Angélica (a que mais precisa de restauração) e os barzinhos que contribuem para aumentar o fluxo de pessoas, além dos moradores.

Próxima à casa nº 12, onde foi rodado "Dona Flor e seus Dois Maridos", um barzinho com o nome do filme fica movimentado durante todo o dia e a noite por estudantes e turistas. De frente para a igreja o bar 1. Certo, é a opção para os finais de semana. Aos sábados, o movimento se concentra na rua da Palma, atrás do quartel e que dá acesso ao largo, no bar e na sede dos blocos carnavalescos Os Internacionais.

Afora as visitas indesejáveis dos assaltantes, os moradores gostam do movimento frenético dos estudantes que dão "alegria ao bairro" como define uma das pessoas mais conhecidas e interessantes do local, a zeladora da Igreja de Nossa Senhora da Palma, Guiomar Maria dos Santos, pela suas

### PALMA, ENTRE O SONHO E O REAL.

Um dos mais privilegiados bairros históricos de Salvador, a Palma, teve um pouco de seu aspecto modificado, após as filmagens de "Dona Flor e Seus Dois Maridos", baseado no romance de Jorge Amado. Hoje, no local, surgiram bares aconchegantes e o número de turistas aumentou, pois sempre há uma curiosi-

dade em relação à história do romance do escritor baiano. O lado negativo é o aumento também do número de assaltos na área e as reclamações são gerais. A tranquilidade das velhas ruas desapareceu por completo e os moradores temem que a situação venha a piorar ainda mais com o au-

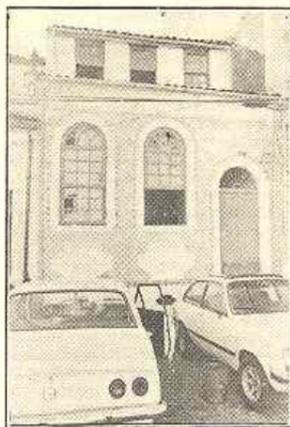
mento das visitas de gente de fora. A casa de número 12 do largo é a mais procurada, pois lá o cineasta Bruno Barreto rodou as cenas principais do romance entre Vadinho e Flor, que hoje desperta a curiosidade de pessoas do mundo inteiro. *Caderno de Cidade, página 2.*

### Dona Cléo tem saudades de Vadinho

Certo dia do ano de 1976, o cineasta Bruno Barreto bateu na porta da casa de Cleópatra Ribeiro e acertou que seu filme "Dona Flor e Seus Dois Maridos", baseado na obra de Jorge Amado, seria feito ali. De lá para cá, a casa nº 12 do largo da Palma nunca mais ficou sem visitas. O filme tornou-se famosa e despertou a curiosidade de pessoas do mundo inteiro. A maioria que vem a Salvador não deixa de conhecer a "casa de D. Flor", de estilo colonial e que tem a fachada mais conservada do bairro, que representa a Bahia antiga.

No livro de visitas de Cléo, como prefere ser chamada, mais de 10 mil assinaturas registram a passagem de pessoas de diversos lugares do mundo, em especial da Argentina. Depois da visita do cineasta, a vida de Cléo também sofreu alterações que no início era difícil de enfrentar. Durante as filmagens, conta ela, "minha casa ficava cheia de gente e todo o largo da Palma era uma festa. Uma coisa de louco". Ela ficou hospedada na casa vizinha, mas mesmo assim convivia com o aparato das gravações.

Aos 71 anos, Cléo vive com duas irmãs, Cleomina e Clefis. Sempre de bom humor e sorridente, ela diz que



A "casa" de D. Flor é atração até hoje

apesar da "loucura" e agitação das filmagens, era muito divertido. Suas irmãs ainda moravam em São Paulo e ela ficava só. Depois disso, nunca teve um dia sem visitas. "As vezes chegam ônibus lotados de turistas para conhe-

cer a casa. Eles olham tudo, perguntam tudo. Ela os leva até o quarto onde dormia D. Flor, mostra a sala de jantar com móveis antigos conservados e conta sobre as filmagens.

#### ORGULHO

Cléo fala com orgulho que recebe cartas e cartões de natal dos visitantes e diz, vaidosa, que foi figurante do filme. Solteira, assim como suas duas irmãs, confessa que se tivesse de escolher um dos personagens do filme para marido teria optado por Vadinho. "Ele é mais simpático e mais moleque", disse sorrindo. Entre os dois atores principais prefere José Wilker a Mauro Mendonça: "É mais brincalhão. É aquilo mesmo do filme. É alegre e adora pimenta".

Do bairro Cléo gosta de tudo: a tranquilidade, a vizinhança e a alegria dos estudantes. Mas fez restrições aos "maconheiros que estão sempre fumando na nossa porta. A gente fica até banzeira com a fumaça", exagerou. Bordadeira aposentada, ela mora naquela casa há 40 anos, quando chegou com os pais Quirino e Eremita Ribeiro e mais oito irmãos, de Jequié e nunca mais saiu de lá.

### IGREJA GUARDA SEGREDOS DA HISTÓRIA

#### Dió, a zeladora, recorda lendas passadas

A Palma é o melhor lugar do mundo. Pelo menos para a zeladora da Igreja Nossa Senhora da Palma, Guiomar Maria Santos Souza, Dió, com é conhecida, não existe outro lugar para se morar. Aos 76 anos, adocentada e cega de um olho, Dió é uma das figuras mais conhecidas do bairro e que tem muita estória para contar. Sua memória guarda acontecimentos que impressionam qualquer pessoa.

Com o andar lento e o corpo curvado devido à idade avançada, Dió tem prazer em falar da Palma, da igreja e da sua vivência ali. Há 40 anos tomando conta do templo, ela não quer sair do local e sofre ameaça de despejo. Paciente, ela conta a história do nome do bairro com a construção da igreja como se estivesse presente naquela época. Conhece tudo e todos e acredita nas lendas, como também nos mistérios do lugar.

"Dizem que debaixo do chão da igreja e da faculdade existem passagens secretas feitas pelos padres agostinianos. Os caminhos levavam os padres à igrejas de São Francisco, da Conceição da Praia, na Cidade Baixa, entre outras que não me recordo" relata. As passagens eram também esconderijos de possíveis ataques de estrangeiros. Quando os holandeses invadiram a igreja para morar, os agostinianos levaram várias imagens e Dió acredita que muitas continuam escondidas nos caminhos secretos.

#### IMAGEM ENTERRADA

"Não sei onde foram parar os 12 apóstolos de ouro que aqui existiam. Se foram com os padres ou se estão

aqui debaixo", aponta para o chão da igreja. Dos fatos que vivenciou o caso mais impressionante foi quando encontrou enterrada a imagem de um cristo crucificado que diz ter dado o nome de Senhor do Bonfim. "Quando vi aqueles olhos debaixo da terra tomei um susto. Pensei que era gente". A imagem continua na igreja e precisou de restauração, pois estava com braços e pernas quebrados.

Também na sacristia tem a cabeça do Senhor da Cruz que ela encontrou também enterrada, com o corpo irreversível. Da sua própria história Dió conta com orgulho que sem-

pre se dedicou à igreja, cuidando "com muito amor." Hoje, sua situação não é das melhores. Sozinha, cansada e doente, vive de uma aposentadoria de Cr\$ 400,00 e conta com ajuda de conhecidos. Seus anos de dedicação à igreja não lhe trouxeram muita gratidão.

A zeladora diz triste que algumas pessoas, que ela prefere não citar nomes, vivem pedindo sua saída da casa ao lado da igreja. "Eles já foram até a Dom Avelar dizendo que a casa deveria ser utilizada para outras funções. Mas ele respondeu que não poderia me tirar daqui e pediu que Deus me protegesse".



Dona Dió, aos 79 anos, relembra com lucidez a história do bairro